

# destemida

lesley livingston

Tradução de Pedro Carvalho e Guerra



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Querida leitora,

Estamos todas bastante familiarizadas com uma versão de Roma — a versão poeirenta, manchada de sangue, cinematográfica, como aquela em que é estrela Russell Crowe.

Mas há uma outra história a contar: a história das gladiadoras.

A *Destemida* segue a viagem eletrizante de Fallon, de dezassete anos, na sua viagem de princesa guerreira celta a lendária lutadora e menina querida do Império Romano.

A primeira vez que li *Destemida*, imaginei de imediato o vídeo «Bad Blood» de Taylor Swift... mas na Roma antiga. Fallon e as suas companheiras gladiadoras são lutadoras exímias capazes de impor a sua presença na arena e que sabem manejar um machado (e um arco... e um tridente).

Não quero revelar demasiado da história, mas direi o seguinte: ninguém faz romances escaldantes como Lesley Livingston — este é um romance crepitante com um lado épico, apaixonado e, melhor de tudo, proibido.

Dito isso, espero que se apaixonem perdidamente pela nossa feroz gladiadora.

*Uri, vinciri, verberari, ferroque necari!*

TIFF LIAO  
Editora Associada  
Razorbill



*Para John*





O VAPOR QUE se erguia das costas dos cavalos a galope desvanecia-se no nevoeiro da manhã. A nossa biga corria em direção ao final do Vale Esquecido e Maelgwyn Ironhand — o condutor da minha, companheiro constante e frequente adversário — puxava as rédeas.

— Não! — gritei. — Mais depressa! Fá-los correr mais depressa!

Mael não se deu ao trabalho de olhar por cima do ombro na minha direção. Sabia que qualquer discussão seria fútil. Em vez disso, deu rédea solta aos pôneis e deixou-os galopar. Voávamos por cima do chão como corvos que mergulham sobre um campo de batalha. Os cavalos resfolegavam e puxavam, os cascos martelando o caminho relvado e agitando a névoa enquanto passávamos.

Ergui-me atrás de Mael, com a espada apertada com força no punho direito e os pés abertos para me equilibrar contra o movimento oscilante do chão suspenso da biga. O vento guinchava-me aos ouvidos e o chão era um borrão por baixo das nossas rodas. Nunca antes tínhamos andado tão depressa e o coração martelava-me no peito. Mudei de posição e passei por Mael, saindo pela frente da plataforma da biga para me equilibrar na trave quadrada que passava entre os dois cavalos.

— Fallon... tem *cuidado!* — gritou Mael quando um dos meus pés deslizou na madeira.

Silvei por entre os dentes cerrados quando quase caía e deixava

escapar a lança. Trocando a mão que agarrava a arma, recuperei o equilíbrio e espreitei em frente, para o lado mais distante do vale, onde o chão subia abruptamente, na elevação tumular de um ocupante há muito esquecido. Uma pedra rudemente talhada coroava, solitária, o monte redondo, e na base deste tínhamos colocado um alvo de dimensões humanas — um toco de árvore, almofadado com feno, envolto em tela e pintado com a imagem de um soldado romano sorridente e desdentado.

Sorri, o entusiasmo a arrepiar-me a pele. O vento afastava-me o cabelo dos olhos e via tudo com uma clareza cristalina. Era como se o tempo tivesse parado e esperasse apenas por mim.

Cuidadosamente, com um pé à frente do outro, avancei sobre a trave, enquanto os cavalos corriam, tropejando. Sustive a respiração até conseguir sentir o ritmo dos seus passos combinados nos meus ossos. Em seguida, ergui a lança sobre o ombro e corri ao longo de toda a trave até me erguer empoleirada entre as omoplatas dos cavalos que galopavam, os meus pés abertos sobre o jugo de madeira que os prendia à biga. O meu objetivo nessa manhã era tão simples quanto impossível: executar com sucesso uma manobra sobre a biga chamada o Voo de Morrigan, batizada em honra da temível deusa guerreira alada, que voava sobre os campos de batalha recolhendo as almas dos que tinham tido uma morte nobre. Vira a minha irmã mais velha, Sorcha, tentá-la uma e outra vez. A ideia era correr sobre a trave estreita entre os cavalos de uma biga de carena, arremessar a lança, atingir o alvo, manter o equilíbrio durante o tempo necessário a manter a lança alojada, e depois correr de volta para a segurança da base da biga. Era perigoso. Era entusiasmante.

Era o ato supremo de uma verdadeira guerreira cantii.

E nunca vira ninguém fazê-lo. Nem mesmo Sorcha.

A última vez que eu e Mael havíamos tentado, perdera completamente o equilíbrio e tombara entre os cavalos, quase não me conseguindo agarrar à trave com um braço e os joelhos. Se tivesse caído, havia uma boa possibilidade de ter sido morta — espezinhada pelos cascos ou esmagada pelas rodas da biga. Mas a deusa não achara adequado levar-me naquele dia, e Mael conseguira parar os cavalos antes de eu perder por completo o controlo. Os hematomas haviam levado semanas a desvanecer-se e Mael gritara comigo durante meia hora, o

rosto completamente carmesim, e jurara que nunca, *nunca* mais tentaríamos tal coisa.

Ele já devia saber que eu não o deixaria em paz até que o voltássemos a tentar.

Por isso ali estávamos, correndo a uma velocidade alucinante pelo chão do Vale Esquecido. Porque ao raiar do sol, nessa manhã, eu, Fallon, filha mais nova de Virico, o rei, chefe da tribo cantii de Prydain, faria dezassete anos. Idade suficiente para que me tornassem membro do bando de guerreiros do meu pai, tal como a minha irmã antes de mim. E eu estava determinada a que, antes de esse momento chegar, dominaria o Voo de Morrigan.

E Mael, com as suas mãos inteligentes e firmes sobre as rédeas, ajudar-me-ia a consegui-lo.

A partir de algures no Outro Mundo, imaginei Sorcha a observar-me, também.

«No campo de batalha, és uma guerreira ou estás no caminho», censurou-me a minha irmã, certa tarde, quando a minha espada de madeira, usada para praticar, falhou o seu alvo por uma grande distância. Ela já dera provas de ser uma das melhores guerreiras da tribo cantii, e fora uma lição que me ensinara, uma e outra vez, até ao dia em que morrera — abatida numa escaramuça a defender a Ilha dos Poderosos das legiões invasoras de César.

«És uma arma ou um alvo?», perguntara Sorcha. «*Escolhe, Fallon!*»

Por isso escolhi — nesse dia e em todos os dias depois desse.

O peso da lança sobre o meu ombro e da espada na minha anca eram agora tão familiares quanto a minha túnica e as botas ou o meu manto preferido. Tão reconfortante como a rude gargalhada do meu pai ou o fogo crepitante no seu grande salão. Tão inebriante quanto um dos sorrisos de Mael que, com uma frequência cada vez maior, pareciam dirigidos apenas a mim...

O trovejar dos cascos dos pôneis da biga corriam através dos meus membros como o pulsar do meu sangue. A certa altura, Mael teria de virar a biga numa curva apertada para evitar chocar contra os lados íngremes da elevação tumular do Vale Esquecido.

*Agora ou nunca...*

Os meus dedos apertaram-se no cabo da lança e o alvo erguia-se,

enorme, à minha frente. Apoiei-me no joelho dobrado, senti a lança inclinar-se no momento do equilíbrio perfeito... e lancei. O míssil esguio traçou um arco através do ar, como uma ave de rapina mortífera, negro contra o sol rosado da madrugada.

Sustive a respiração.

— Contacto!

Não foi perfeito — a lança atingiu o alvo a uma mão de distância para a esquerda de onde um homem de carne e osso teria o seu coração — ainda assim, foi um golpe bom, limpo. O grito entusiasmado de Mael confirmavam-no. Agitei os punhos no ar em sinal de vitória, antes de abrir os braços para os lados, esticados como asas. Senti, por um instante fugaz, como se fosse realmente a deusa Morrigan em voo, descendo sobre o campo de batalha para recolher as almas dos mortos gloriosos.

Depois, enquanto Mael abrandava a biga para fazer a curva, um dos póneis tropeçou.

O animal esforçou-se por recuperar o passo, e o jugo sobre o qual me equilibrava agitou-se com ele. O meu gesto de triunfo transformou-se num frenético agitar de braços, ao mesmo tempo que perdia o equilíbrio e agarrava o ar tentando endireitar-me. Ouvi o grito rejubilante de Mael transformar-se num grito de aviso, ao mesmo tempo que me inclinava para o lado sobre os ombros do cavalo e fazia uma roda desamparada através do ar. A minha cabeça batendo em algo duro e o mundo rodopiando para a escuridão.

Um silêncio embotado abafou os primeiros acordes da canção de uma cotovia.

— Fallon!

O calor que sentia no rosto era o resultado do beijo do sol ou do derramar das minhas lágrimas. Ou seria sangue? Era provável que fosse isso, pensei distraidamente. Tinha batido com a cabeça e rachado o crânio e agora ia morrer. Na manhã do meu décimo sétimo aniversário.

— Fallon! — voltou a gritar Mael.

A sua voz soava muito próxima e muito distante ao mesmo tempo.

— Devo estar morta — murmurei. — Ou então estou a sonhar...

Se aquilo era um sonho, era bastante real. Um sonho tão claro como aquele que muitas vezes me assombrava as noites, aquele em que

Morrigan, deusa da morte e da batalha, surgia, terrível e magnífica no seu manto de penas de corvo. Numa voz como fumo e cinzas, chamava-me «filha».

Os meus olhos abriram-se a custo e dei por mim a fitar o rosto de Mael, o nariz dele a poucos centímetros do meu. Apercebi-me de que o calor que sentira no rosto fora a respiração dele.

— Não estás a sonhar, Fallon — disse Mael, os olhos muito abertos de preocupação.

Sorri.

*Quem é que se preocupa com um mero sonho com Morrigan, pensei, quando se pode voar como ela?*

Tal como eu fizera. O entusiasmo daquele momento ainda me ardia no sangue.

— Bem, se não estou a sonhar — brinquei —, então suponho que esteja morta.

O terror desapareceu do rosto de Mael, escoraçado por uma expressão de fúria apaixonada.

— Também não estás morta — ripostou, a raiva na sua voz mal controlada. — Embora, sem dúvida, não tenha sido por falta de tentar.

— Porque estás tão furioso? — perguntei, irritada, gemendo com o esforço que precisava de exercer para me erguer sobre um cotovelo. Não muito longe, podia ver a lança onde ainda se agitava, enterrada no tronco do boneco que usávamos para treinar. — Olha! — Apontei sobre o ombro dele. — Conseguimos...

— *Tu* conseguiste — disse Mael. — E depois *eu* quase te matei!

— A culpa não foi tua...

— Foi! — Ele fitou-me com uma expressão feroz. — E se alguma vez me voltares a obrigar a fazer algo tão estúpido e imprudente como isto, é bem provável que te mate, e não será por acidente!

— Mael...

— Estás a tentar cumprir a profecia de Olun? — perguntou ele. — É isso que estás a tentar fazer?

Revirei os olhos. É verdade que o principal druida do meu pai, Olun, tinha adivinhado que eu iria, um dia, seguir os passos da minha irmã Sorcha. Mas ela fora morta no campo de batalha. O Vale Esquecido não era nada mais do que um prado plácido.

— Fui um tolo por ter deixado que me convenceses a fazer isto.

— Mael abanou a cabeça. — Pareces determinada a pôr à prova a vontade de Morrigan.

Abri a boca, mas daquela vez não tinha nenhuma resposta aguçada para lhe dar. Não podia dizer que não estivesse habituada a que ele ralhasse comigo — tínhamos crescido juntos. Desde que eu tinha cinco e ele seis anos, e havíamos passado a maior parte desses anos a discutir entusiasticamente. Mael era o filho mais novo de Mannuetios, rei dos trinovantes do norte, e quando ainda eram jovens, ele e o irmão, Aeddan, tinham sido enviados para viver com a nossa tribo — para crescerem até à idade adulta como um de nós, garantindo a paz entre os dois reinos. Uma das primeiras coisas que Mael fizera quando me conhecera fora partir o meu dedo mindinho com uma espada de treino de madeira, numa luta a brincar.

Desde esse momento, passara a sentir uma irritante tendência para ser excessivamente protetor comigo, o que estava em constante conflito com a sua inclinação natural para lutar comigo em todas as oportunidades. Deixava-me louca. Nós os dois éramos como o sílex e o ferro, fazendo constantes faíscas um com o outro. A maior parte do tempo eu não tinha a certeza se era incapaz de suportar Mael... ou se ficaria perdida sem ele. Mas quando ergui para ele os olhos, vi uma preocupação genuína no seu olhar. Apercebi-me de que ele pensara realmente que eu estava ferida.

— Mael — disse eu, erguendo a mão para afastar as madeixas de cabelo escuro que lhe caíam sobre o rosto. — Desculpa. Eu...

Os lábios dele sobre os meus silenciaram o meu pedido de desculpas, abafando as minhas palavras com um beijo súbito e faminto. Os meus olhos abriram-se muito... depois fecharam-se, mergulhando-me numa escuridão avermelhada. O meu coração era um carvão incandescente que explodia em chamas, e eu só conseguia pensar que aquilo era a verdadeira alegria. Feroz e exigente. Ergui os olhos para Mael, para os salpicos de escuro prateado nos seus olhos. Estes cintilavam como o ferro cru que o nosso ferreiro derretia para forjar as espadas e os punhais e todo o tipo de coisas perigosas e belas. De súbito, soube a resposta.

*Perdida.*

Eu ficaria completamente perdida sem Mael.

A minha pulsação batia violentamente nos meus ouvidos e os

meus dedos mergulharam nos seus longos cabelos, ao mesmo tempo que eu o puxava para mim. Todo o peso de Mael pressionou as minhas costas contra a relva húmida, e as suas mãos largas passaram para baixo de mim, as pontas dos dedos deslizando lentamente dos meus ombros até ao fundo das minhas costas. A minha coluna arqueou quando ele me ergueu do chão musgoso, envolvendo o meu tronco com os seus braços e puxando-me para mais perto do seu peito. A boca dele viajou dos meus lábios para o lado da minha garganta, por baixo da minha orelha — e depois ouvi-me arquejar, primeiro com surpresa e depois em protesto, quando ele se afastou subitamente de mim.

A brisa que agora fluía entre nós arrepiou-me a pele, ao mesmo tempo que Mael se atirava para trás com um suspiro. Deixou-se ficar deitado por um momento, o peito arquejante e o rosto corado, e perguntei-me se teríamos feito algo de terrivelmente errado. Era a primeira vez que beijava alguém daquela maneira.

Mas, depois, ele virou a cabeça para mim. Os seus olhos cinzentos brilhavam perigosamente.

— Hoje — disse ele, com a voz entrecortada.

— Mael? — A minha cabeça girava loucamente.

— Esta manhã. — Ele sentou-se e, depois, rodou ficando de joelhos à minha frente, agarrando-me pelos ombros e puxando-me para ele. — Esta *mesma* manhã, Fallon.

Fitei-o com uma confusão preocupada.

— O que é que tem?

— Vou falar com Virico, e vou-lhe pedir a tua mão. — As palavras jorravam dele numa torrente. — *Agora*. Para que ele o possa anunciar esta noite, no banquete das quatro tribos. Em frente de todos e...

— Não!

— O quê? — perguntou Mael, hesitando. — Fallon...

Abanei a cabeça, um pouco descontrolada.

— O meu coração... já é teu, Mael — disse eu. — Não precisas de pedir a minha mão...

— Sim — disse ele, inflexível. — Preciso.

— Não podes tê-la! — Senti no peito um ligeiro arrepio de pânico. — Ainda não.

— Eu pensei... — Ele procurava as palavras certas, ao mesmo tempo que o seu rosto ficava vermelho. — Eu pensei que tu...

— *Sim.*

Como é que eu podia explicar? Não é que eu não o quisesse. Queria, embora só agora começasse a perceber o quanto. Mas havia algo mais que eu queria... *Precisava* primeiro.

Precisava da oportunidade de conquistar o meu próprio nome.

Mordi o lábio.

— É que esta noite o meu pai vai tornar-me um membro do seu bando real de guerreiros. Eu sei que vai.

Observei o rosto de Mael que se ensombrou. O momento febril do nosso beijo começava a desvanecer-se.

— Por favor, Mael. — Ergui a mão e pressionei-a contra o seu peito. — Tens de esperar por mim. Não posso deixar que nada se atravesse no caminho disto. Trabalhei com demasiado afínco. Não quero dar a Virico qualquer razão para que não me conceda essa honra.

Mael afastou-se do meu toque.

— Por vezes pergunto-me se não gostarás mais da tua espada do que de mim — disse ele.

— Como é que podes dizer isso? — ripostei, ignorando a pequena voz na minha cabeça que silvara precisamente a mesma coisa. — Tu já és membro do bando de guerreiros! Negar-me-ias a honra e a glória de combater ao teu lado?

Magoei-o. Podia vê-lo nos seus olhos.

— Não — disse ele. — Jamais to negaria, Fallon.

Tentei agarrar as mãos dele.

— Espera só mais um pouco, Mael, até eu ser uma verdadeira guerreira. Nessa altura podemos ir ter com o meu pai, e poderemos ter tudo aquilo que sempre quisemos... juntos.

— Está bem — disse Mael por fim, o seu sorriso familiar regressando. — Esperarei, Fallon, tanto tempo quando for preciso. Mas talvez possamos fazer com que a espera pareça mais curta.

Depois ele voltou a beijar-me. E por uma vez, esqueci tudo acerca de discutir com ele.



A TARDE DAQUELE dia foi luminosa e brilhante, e ainda mais bela porque tinha passado a manhã a beijar Mael no Vale Esquecido. Mas no interior da minha casa em Durovernum — a casa que outrora partilhava com SORCHA — estava escuro. Deixei que a pesada cortina de couro que servia de porta se fechasse atrás de mim e avancei pela divisão, acendendo as lamparinas.

Ao longo dos anos, SORCHA colecionara mais de uma dezena destas coisas — brilhantes, de metal delicadamente forjado ou esculpidas em alabastro, ou de barro pintado com vidrados brilhantes como joias — e pendurara-as nas traves do teto da nossa pequena casinha acolhedora em correntes de diferentes comprimentos. A minha preferida era uma que tinha a forma de um pássaro, com pedaços de vidro azul e verde nas asas que a faziam brilhar com uma luz sobrenatural. As lamparinas vinham, na sua maioria, de terras distantes, como quase todos os bens preciosos da minha irmã, trazidos em barcos por mercadores de locais para além do mar. Locais como a Gália e a Grécia e o Egito. E Roma.

Por muito que SORCHA gostasse de professar o seu ódio por César à mais pequena oportunidade, esse ódio não influenciara o seu gosto por coisas delicadas e decorativas das terras que as suas legiões haviam conquistado. Apenas mais uma das muitas contradições da minha irmã, suponho eu. Certa vez, vi um mosaico na banca de um mercador, e

era *assim* que eu imaginava Sorchá — uma multiplicidade de pequenas peças afiadas e brilhantes que, no seu conjunto, compunham uma imagem inteira. Contavam uma história inteira.

Enquanto acendia a última das lamparinas, pensei no dia em que me disseram que a minha irmã tinha morrido, morta pelos Romanos. As mulheres das tribos de Prydain — cantii e catuvelauna, trinovante e iceni — podiam escolher combater ao lado dos homens ou não. Muitas faziam-no e com tal perícia que eram tão temidas quanto os homens — até mais. As legiões achavam que as mulheres guerreiras da Ilha dos Poderosos eram demónios, aberrações cujos cadáveres queimavam em pilhas depois das batalhas, para que as suas almas negras jamais pudessem escapar para habitar outro corpo. Claro que eu sabia como isso era ridículo. Uma superstição primitiva. As mulheres combatentes das tribos de Prydain eram tão boas quanto eram porque se esforçavam por isso. Eu esforçava-me — muito.

Era tão simples — e tão complicado — quanto isso.

Banhada no brilho etéreo das tremeluzentes luzes das lamparinas, erguia-me fitando a ondulante aparição que se refletia para mim a partir do espelho de bronze polido que pendia da parede — mais um dos tesouros exóticos de Sorchá. Ergui uma sobranceira para a criatura esfarrapada. Mesmo sob aquela luz incerta, podia ver a terra que me manchava a face esquerda, parcialmente obscurecendo as sardas que aí se acumulavam. A túnica comprida que usava sobre o meu vestido de lã fina fora outrora de um xadrez vermelho e púrpura brilhante, mas estava agora gasta, assumindo ténues tons de ferrugem, manchada de tanto subir os montes e vadiar ribeiros e lutar contra Mael dia após dia no vale. Uma coroa emaranhada e rebelde de madeixas castanho-raposa escapara-se da trança em que prendera apressadamente o meu cabelo nas horas escuras antes da madrugada. Aos dezassete anos de idade, poderia ter os músculos esguios e as pernas longas e fortes que uma guerreira deveria ter, mas precisava de me tornar apresentável para quando o meu pai me honrasse com o novo estatuto de guerreira.

Tal como fizera com a minha irmã antes de mim.

Sorchá tinha mais nove anos do que eu e nunca me deixara esquecer-lo. Entre nós tinham nascido dois rapazitos, mas ambos se haviam perdido para a febre dos pântanos antes dos três anos de idade, e a nossa mãe seguira-os para o outro mundo, poucos dias depois de eu

ter nascido, deixando Sorcha para me criar — e para me manter fora de sarilhos — quando o nosso pai, o rei, estava demasiado ocupado a governar uma tribo em crescimento desordenado de celtas rufias para me prestar demasiada atenção. O facto de ela, provavelmente, me *meter* em mais sarilhos do que aqueles de que alguma vez me afastou, nunca me preocupou. Ela era tudo aquilo que eu queria ser quando crescesse. Forte e afiada e perigosa como a espada que transportava à cintura — Sorcha era a minha deusa ainda mais do que Morrigan, que ambas adorávamos. Eu seguia-a para todo o lado, cambaleando nas minhas pernas de bebé atrás dela enquanto ela corria, veloz como um veado, através das florestas da nossa casa, sempre em busca de uma aventura — ou, melhor ainda, de alguém com quem se bater.

E depois, um dia, tudo mudou.

César e as suas legiões chegaram às nossas costas — não uma vez, mas duas. E da segunda, levaram o meu pai, o rei Virico, tomado como prisioneiro numa batalha dura. Quando as tribos unidas partiram nas suas bigas para o libertar, o bando de guerreiros reais de Virico conduziu o ataque. Três dias mais tarde, o meu pai regressava a casa. Sorcha não. A minha irmã destemida, brilhante, bela, desaparecera. Morrera.

Assim, sem mais.

Já se tinham passado quase sete anos desde que as legiões deixaram as nossas costas, tendo declarado a Ilha dos Poderosos suficientemente conquistada. Durante todo esse tempo, os romanos não haviam regressado a Prydain, a ilha que chamavam Britânia na sua língua nativa estridente. Claro que os comerciantes nunca haviam partido — tinham chegado antes de César pisar as nossas costas e permaneceram quando ele partiu, «triumfante». Desde esse tempo, tinham-nos deixado em paz.

Mas um dia, as legiões regressariam para terminar o que haviam começado. Prydain era uma fonte demasiado rica de ouro e estanho e madeira — e escravos «bárbaros». César e os seus não seriam capazes de resistir. Os exércitos de Roma regressariam e nós estaríamos prontos para os combater quando o fizessem. *Eu* estaria pronta para combater, tal como a minha irmã.

Só que eu não cairia sob os golpes de uma espada.

Na noite em que Sorcha partira na sua biga pela última vez, eu ficara sentada aos pés da cama a observá-la no espelho enquanto ela aperitava as fivelas da sua couraça e ajustava o pender da espada na cintura.

Furiosa por ficar uma vez mais para trás, queixei-me em voz alta para o reflexo de Sorcha acerca de quanto queria sair para combater as legiões de César com ela.

Ela ignorou-me enquanto pôde.

«Basta!», acabou por dizer Sorcha, aproximando-se de mim. «Já alguma vez pensaste *a sério* acerca do que significa ser-se um guerreiro, Fallon?»

Pestanejei fitando-a, apercebendo-me, pela primeira vez, da turbulência no seu olhar.

«Pensaste?» Ela suspirou. «Porque eu já. Significa que matas. Matas homens. Matas mulheres. Tudo enquanto tentas com muito afinco que não te matem *a ti*. E se algum deles for melhor do que tu, então morrerás. Estás assim tão ansiosa por dançar com a morte, irmãzinha?»

Eu tinha dez anos. Não sabia o que dizer.

O que devia ter dito era: «Não vás.»

Mas em vez disso, limitei-me a fazer beicinho e ficar em silêncio. Sorcha partiu da nossa casa e não mais regressou para ouvir a minha resposta à sua pergunta. Aquela foi a primeira noite em que Morrigan me visitou no meu sono e me chamou — *a mim*, não a Sorcha — sua filha. Era uma coisa sagrada, assustadora e espantosa ao mesmo tempo, e eu nunca a contei a ninguém. Mas mantivera para sempre a memória da sua voz trancada no meu coração.

Abanei a cabeça para me libertar das garras dessas memórias. Não queria saber daquela noite. Depois desta, os cantii ver-me-iam como o mais recente membro do bando de guerreiro real do meu pai, não apenas como a irmãzinha da lendária Sorcha.

Fitando o espelho, peguei no pente de osso esculpido pousado sobre a pilha de braceletes e argolas para as orelhas em cima de um baú de verga. A ocasião exigia que eu aplicasse pelo menos algum esforço na minha aparência. Normalmente, teria chamado a serva que cuidava de mim para lidar com tais coisas. Mas sentia que aquele dia deveria ser apenas meu, queria saboreá-lo — o que já tinha acontecido e o que estava para acontecer — sem o zumbido das escravas tagarelas nos meus ouvidos. O caos alegre do banquete desta noite chegaria em breve. Mesmo com as distrações de escolher a túnica e o vestido, colocar as joias e domar o meu cabelo tentando submetê-lo — coisas para as quais tinha pouca paciência ou habilidade—, tudo

aquilo em que conseguia pensar era no que o meu pai iria dizer no banquete.

Enquanto o sol se afundava nos longínquos montes púrpura, imaginei que ele me receberia no seu bando de guerreiros com palavras prateadas que elogiavam a minha mestria com a espada e a lança. De facto, o grande salão iria estar repleto de elementos da realeza de Prydain, incluindo Aeddan, o irmão mais velho por dois anos de Mael. Depois do falecimento do pai, Mannuetios, ele era agora o rei dos trinovantes.

A ideia de o ver fez-me sorrir. Todos tínhamos crescido juntos quando Aeddan era apenas um filho adotivo na nossa tribo, mas Mael e eu já não o víamos há muito tempo. Não desde a grande traição do pai deles. Mas depois da manhã que tínhamos passado no vale, Mael ficara a saber que Aeddan e o seu comboio de chefes trinovantes tinha chegado a Durovernum. Eu enviara-o para saudar o irmão enquanto soltava as silvas do meu cabelo.

A cada dois anos, na Véspera de Lughnasa — que por acaso também era o meu aniversário —, os reis das quatro tribos juntavam-se para comer e brindar uns aos outros com grandes sorrisos e cerveja espessa e espumosa o suficiente para fortalecer os laços da amizade forjados nas alianças dos anos passados. Aquela seria a primeira vez que Aeddan ali se dirigia enquanto rei, acabado de regressar de um longo período de exílio em Roma depois de o seu pai ter sido morto, executado por ter vendido informações vitais aos romanos. Mael nunca falava da traição do pai, mas permanecera com os cantii desde essa altura, para lá da idade normal, por causa disso.

Quanto aos seus sentimentos em relação ao irmão, Mael sempre soubera que, quando regressasse de Roma, Aeddan seria rei, não ele, e por isso não nutria para com ele maus sentimentos. Nós os três — quatro, se contássemos com as vezes em que Sorcha nos acompanhou nas nossas malandrices — tínhamos crescido juntos, e eu temera que Mael pudesse ficar ressentido com o irmão. Mas isso nunca aconteceu, o que para mim foi um grande alívio. Éramos como uma família e eu teria odiado que algo se intrometesse entre nós.

Acabei de me vestir com cuidado, ajustando o delicado colar de prata em redor do meu pescoço com os dedos nervosos. Conseguia ouvir o som de risos e gritos do lado de fora da minha porta. A atmosfera festiva que lentamente crescera através de Durovernum durante

as semanas precedentes tinha, por fim, florescido por completo. Para lá das paliçadas de madeira da cidade, nos campos que desciam até às docas do rio Dwr, havia jogos e provas e bancas que vendiam rolos de tecidos de cores brilhantes, argolas para os braços e peles, comida e bebida, e canções que podiam ser compradas aos bardos para encantar uma amante vinda de longe ou envergonhar um rival sem derramar sangue. Os condutores das bigas corriam com as suas carroças puxadas a póneis para cima e para baixo das faixas serpenteantes (nenhum com perícia ou arrojo de Mael e meu), e o ar parecia crepitar de antecipação pelo banquete que começaria depois do pôr do sol.

Por fim, o céu assumiu uma tonalidade índigo a leste e os cheiros ricos que haviam temperado as brisas durante todo o dia — javali no espeto e veado estufado em grandes caldeirões — atraíram os nobres das quatro tribos e os seus homens e mulheres livres para se reunirem no grande salão.

Dirigi um último olhar nervoso para mim mesma no espelho. Tinha escovado as espessas ondulações do meu cabelo até elas brilharem ao longo das minhas costas e prendera-as longe do rosto com um aro de ouro vermelho que se entrelaçava em redor da minha testa. Tinha de admitir, ficava-me bem. Um vestido de lã verde-folha por baixo de um manto castanho-avermelhado e púrpura seguiam as linhas do meu corpo. O torque em redor do meu pescoço brilhava e as múltiplas pulseiras de bronze e prata nos meus pulsos tilintaram quando afastei a cortina da porta e avancei pelo caminho serpenteante até ao grande salão do meu pai.

Uma vez no seu interior, fui envolvida pelos sons da carne a assar e do fumo da turfa e tive de avançar através da multidão de corpos até ter encontrado o meu assento junto à lareira.

— Estás vestida como uma verdadeira rainha esta noite — disse Clota, a serva principal do meu pai, dando uma gargalhada ao mesmo tempo que se inclinava para encher a minha taça com hidromel. — E mais de um rapaz parece ter reparado esta noite que, afinal, és uma *rapariga*.

Revirei os olhos e levei a mão a uma travessa de bolachas de aveia com mel e maçãs, demasiado nervosa para comer grande coisa. Mudei de posição no banco baixo próximo da mão esquerda do meu pai e perguntei-me onde estaria Mael. Clota poderia ter estado a brincar,

mas, na verdade, quase sentia os olhares de todos os presentes no salão — olhares de relance que deslizavam pelas linhas dos meus membros e do meu rosto. Mas quando procurava fitá-los, apenas uma pessoa se mostrou arrojada o suficiente para devolver o meu olhar.

Não fora Maelgwyn Ironhand, mas o seu irmão, Aeddan. Sorri e ergui a mão para o saudar, mas Aeddan não me sorriu de volta. Em vez disso, limitou-se a erguer a sua taça.

*Ele sabe*, pensei, sentindo um pequeno nó no estômago. *Mael contou-lhe*.

Aeddan tinha mais dois anos do que o seu irmão, mas eram inconfundivelmente aparentados. Ambos tinham cabelo escuro, que usavam comprido, e olhos cinzentos quase idênticos. Como o seu irmão mais novo, Aeddan era belo e inteligente e bom com a espada. Mas — pelo menos para mim — a sua presença sempre parecera mais sombria, sentado nas sombras logo atrás do círculo de luz. Enquanto os olhos de Mael podiam brilhar de paixão ou arder com raiva, o olhar de Aeddan sempre me pareceu algo frio. Afiado. Como a lâmina de uma bela faca de ferro que esperava para ser usada. O verniz da cultura romana que ele adotara no tempo em que ali permanecera — bebia vinho e passava o manto sobre um braço como uma toga — servia apenas para realçar o contraste entre os irmãos. Mas por diferentes que fossem, eu sempre gostara de ambos: Aeddan como um irmão, Mael... como algo mais. Muito mais, ao que parece. Afastei o olhar do de Aeddan antes que ele reparasse no profundo corar das minhas faces.

Clota passou por mim nesse momento e eu deitei a mão à travessa dela, pegando em mais uma taça de hidromel com especiarias. Virara a primeira demasiado depressa, numa tentativa de acalmar os meus nervos. Olhei em redor da sala uma vez mais, subitamente desesperada por encontrar o rosto de Mael. Pareceu-me tê-lo visto passar pelo arco das grandes portas de carvalho e soergui-me no assento para ir ter com ele. Mas, depois, uma leve conversa entre o velho urso cinzento de um catuvelauno e um par de jovens — homens livres de um chefe da Gália, tendo em consideração o seu estranho aspeto — chamou-me a atenção.

— Como vai a resistência, então? — perguntou o velho urso. — Os arvernos e os carnutes ainda atormentam os romanos na Gália e incendiam os seus fortes?

Um dos homens livres, com tatuagens no rosto e olhos raiados de vermelho, cuspiu.

— Já não *há* resistência desde que Arviragus se rendeu. O cobarde.

Eu fingi não ouvir, mas quase não consegui esconder o meu choque. *Arviragus? Um cobarde?* Impossível. Eu conhecera o rei guerreiro gaulês quando era jovem e ele não passava de um príncipe, mas ficara espantada com a sua coragem e perícia com a espada. Ele jamais se teria rendido aos romanos.

— Ele não era nenhum cobarde — disse o seu companheiro sonoramente, mastigando as palavras através da boca cheia de carne. — Mas era um tolo. Deixar-se apanhar pelos romanos. Eu teria caído primeiro sobre a minha espada.

— Tem cuidado com o que dizes! — disse o homem mais velho, os seus olhos saltando para o lugar onde o meu pai, Virico, se sentava, fitando a multidão reunida.

— Porquê? — A cerveja escura escorreu pela borda da caneca do jovem guerreiro. — Limito-me a dizer a verdade.

Apercebi-me nesse momento de que ele não sabia, ou não queria saber, que, como Arviragus, o meu pai fora outrora capturado por César. Ou que a sua querida filha Sorcha conduzira um exército para o libertar e, ao fazê-lo, se perdera.

O seu companheiro tatuado começou a soltar sonoras gargalhadas.

— Talvez ele tenha razão, Biron. Talvez estas tribos de Prydain tenham escolhido o caminho certo. Porquê combater os romanos? É mais fácil deixá-los pensar que conseguiram o que queriam e, pela manhã, eles agarram nas saias e deixam-nos em paz.

*Bêbados*, ferveihei, a mão apertando-se sobre o punhal.

Estava suficientemente perto do meu pai para me aperceber de que ele ouvira a troca de palavras. Por um momento, perguntei-me se silenciaria os tolos com a sua espada, mas a sua única reação foi, simplesmente, virar o resto da bebida e levantar-se.

Virico Lugotorix erguer-se era uma maneira segura de chamar a atenção até do mais ébrio dos foliões. Nesse momento, dois dos escravos encarregados da lareira carregavam um pesado tronco e introduziam-no no fogo. Enquanto as centelhas brilhavam à sua volta, o meu pai parecia o rei de um qualquer reino ardente subterrâneo. O cabelo e a barba cor de avelã brilhavam, e o seu belo rosto assumia um tom carmesim.

— *Tuatha!* — gritou. — Bem-vindos. As vozes das quatro tribos cantam-vos paz. A Ilha dos Poderosos carrega-vos nos seus ombros verdes. Enchei as vossas barrigas e os vossos corações no meu salão esta noite e seremos como um povo. Uma tribo. Ainda mais pelas boas notícias que vos trago.

Os homens e as mulheres no salão caíram em silêncio e inclinaram-se para a frente, esforçando-se por ouvir as próximas palavras da grandiosa declaração de Virico. Também eu me inclinei para a frente, as pontas dos dedos agarrando-se ao limite do assento enquanto esperava, sem fôlego, que o meu pai me chamasse para me juntar ao seu bando de guerreiros de elite. Por fim, teria a minha oportunidade de o deixar orgulhoso — tão orgulhoso como Sorcha o deixara.

— A minha filha Fallon é a joia da minha casa — continuou, apontando na minha direção. — Atingiu agora a maioridade, nesta mesma noite. O seu coração é de ouro e a sua espada é uma centelha na escuridão. E eu gostaria que ela ocupasse o seu lugar entre os meus chefes guerreiros, como a sua mãe e a sua irmã fizeram antes dela...

O meu rosto corou e senti-me elevada, ao mesmo tempo que o sangue corria da minha cabeça até aos pés e regressava ao ponto de partida, deixando-me quente e fria em ondas.

— ... não fosse por isto.

A voz de Virico caiu num silêncio ecoante.

*Isto?* Ergui os olhos para ele.

Ele recusou-se a fitar-me, e quando voltou a falar, o som assemelhava-se ao da ponta de uma espada a raspar numa pedra de amolar. Ergueu a cabeça e chamou um nome:

— Aeddan ap Mannuetios!

*Aeddan?* Ergui-me e tentei falar, mas a minha voz escapou-me nesse momento.

— Avança! — gritou Virico. — Vem reclamar a mão da minha filha perante os nossos amigos aqui reunidos no meu salão.

*Não, pensei. Ele cometeu um erro.*

— Aeddan! — voltou a gritar Virico. Ele chamava-o com a mão, os dedos brilhando com os anéis de ouro. — Primeiro entre os nossos amigos trinovantes, em breve meu filho, avança!

Um rugido ergueu-se da multidão ali reunida, mas eu fiquei num

silêncio chocado. O ar negro de fumo parecia demasiado espesso, pressionando a minha pele.

Olhei de relance pela sala, procurando, até por fim encontrar o rosto pálido de Mael. Ele erguia-se, imóvel, perto dos barris de cerveja e hidromel empilhados, rodeado por um grupo de chefes e homens livres trinovantes que riam — homens jovens, da própria tribo de Mael, todos eles amigos de Aeddán. Nesse momento, a sua expressão aturdida deu lugar à fúria. Vi-o gritar o nome do irmão, mas não o consegui ouvir sobre o ruído. Ao mesmo tempo, Aeddán avançava por entre os corpos que enchiam o salão, aceitando as felicitações calorosas e não merecidas com um sorriso a repuxar-lhe os lábios. Só eu via que a expressão envergonhada não chegava aos olhos escuros de Aeddán.

*Isto é um erro terrível. O meu pai está bêbado. Não está a pensar com clareza...*

— Mael! — gritei sobre o burburinho. — Faz qualquer coisa!

Mael podia parar Aeddán. Chamá-lo à razão ou, pelo menos, desafiar aquela absurda reivindicação! Ele podia parar aquilo. Só tinha de chegar junto do meu pai.

Mael gritava também, mas não consegui compreender as suas palavras. Estava demasiado longe. E Aeddán estava demasiado perto, avançando agilmente por entre a multidão de homens e mulheres que ali se reuniam, avançando para onde eu me encontrava.

— Pai! — estendi a mão, agarrando a manga de Virico, mas os gritos dos chefes e dos seus homens livres agitavam o ar da grande casa redonda e abafavam os meus protestos.

A cabeça de Virico girava de um lado para o outro, os seus olhos febris sob a luz do fogo.

— Eu sabia que ficarias perturbada — disse ele num tom baixo e urgente. — Mas eu *não posso* transformar-te numa chefe guerreira, Fallon. Perdi a tua irmã para a espada. Não permitirei que sigas o mesmo destino de Sorcha. Não posso perder-vos a ambas.

— Não! — Abanei desesperadamente a cabeça. — Pai, não me podes fazer isto.

Mas, nesse preciso momento, Aeddán chegou até mim. E um grito ainda mais tonitruante ergueu-se da multidão ali reunida, quando ele me fez girar e me beijou com força nos lábios.

Era a segunda vez nesse dia que um filho de Mannuetios me beijava.

Só que desta vez, era como um veneno a jorrar-me para a boca.

Esforcei-me por afastar Aeddan. Mas não tinha para onde empurrá-lo. A multidão esmagava-nos. As mulheres cantii convergiam sobre mim com abraços ferozes e desejos de felicidades. Algumas começavam a cantar e outras giravam e lançavam os braços para o ar. Se havia alguma coisa que todos os Celtas adoravam, era o amor. Cantavam-no, lutavam por ele, choravam lágrimas amargas sobre taças de hidromel por causa da sua perda e — se o mais leve sinal de uma alegre união passasse por eles nem que fosse numa brisa — aproveitavam a oportunidade para o celebrar ferozmente.

Perto dos tonéis de hidromel ocorreu uma ligeira confusão quando Mael começou a lutar contra a multidão, tentando chegar a Aeddan e a mim. Pareceu-me tê-lo visto dar um murro. Mas, depois, Aeddan bloqueou a minha vista e obrigou-me a recuar um passo. Assim tão próximo, apercebi-me de que o seu rosto estava corado — da bebida ou do desejo, ou de ambos — e os seus olhos escuros brilhavam. A pressão dos corpos, os mantos tecidos com cores vivas e o tilintar das joias, os cabelos entrançados e os olhos, lábios, bocas pintadas, as tatuagens entrançadas e os torques e os gritos, o cheiro da cerveja e dos corpos e da carne... pela primeira vez na minha vida, achei que poderia realmente desmaiar.

Quando a escaramuça junto dos recipientes fez virar uma grande e espumosa tina de hidromel, a multidão virou-se subitamente nessa direção com gritos de ultraje e gargalhadas embriagadas incentivando os combatentes. No caos que se seguiu, escapei-me por baixo do braço de Aeddan e corri em direção às portas do grande salão.





OS RELÂMPAGOS CORTAVAM o céu noturno sobre Durovernum. No tempo que eu passara no interior do grande salão, nuvens de tempestade negras haviam rolado e o céu libertara a chuva. Mal conseguia ver para conseguir regressar a minha casa.

Uma vez no interior, agitei os carvões do braseiro, devolvendo-lhes alguma vida. Nada fez para acalmar o frio que me envolvia os ossos. Não só o meu pai havia praticamente cortado do meu braço a mão que empunha a espada, arrancara-me também o coração do corpo. E depois dera-o ao irmão do rapaz que eu amava. O meu pai tinha-me traído não uma, mas duas vezes.

Cuspi um chorrilho de maldições em torno do nome de Virico e caí de joelhos à frente da lareira. E depois comecei, lenta, metodicamente, a remover todos os ornamentos que tão cuidadosamente escolhera apenas horas antes. Os anéis e as pulseiras e os brincos que me marcavam como mulher... o torque em redor do meu pescoço que me marcava como princesa... Até o punhal na bainha em redor da minha anca, que me marcava como uma guerreira. De súbito, não quis nada daquilo. Um a um, retirei-os todos e deixei-os cair no fogo, observando enquanto as chamas pálidas lambiam o brilhante e precioso metal negro.

Desejei, nesse momento, que o meu pai nunca tivesse regressado

do acampamento de César. Fora por culpa sua que Sorcha morrera. Ela partira para o salvar e morrera uma heroína. O tipo de heroína que o meu pai me recusara qualquer direito e oportunidade para ser.

E odiava-o por isso.

Por isso e por me ter roubado Mael. Naquela manhã, eu recusara o pedido de casamento de Mael, e para quê? Pela oportunidade de agarrar um destino que nunca fora meu. As chamas do braseiro tol-daram-se perante os meus olhos, enquanto eu lutava para refrear as lágrimas furiosas.

— Bebes comigo?

Rodei sobre os meus joelhos, pestanejando a humidade, para ver Aeddan que se inclinava à entrada da porta. Ele afastou do rosto o capuz do manto ensopado em chuva e agitou uma pequena ânfora de vinho romano e duas taças com a outra mão.

— Então, esposa?

— Não sou tua esposa.

— Ainda não.

— Nunca serei — disse eu. — E se me voltares a chamar recorrendo a essa palavra, será o último som que alguma vez te passará por entre os dentes.

Ele riu.

— Vamos — disse ele através de um sorriso. — Fallon, pensa no teu pai.

Levantei-me para enfrentar Aeddan, cautelosa. O meu vestido estava completamente ensopado devido à tempestade e agarrava-se ao corpo, mas eu recusei esconder-me por detrás dos braços cruzados. Em vez disso, deixei que a minha mão pousasse no cabo do punhal que usava à cintura — mas a bainha estava vazia. Eu deitara para as chamas o punhal. O olhar de Aeddan saltou da minha mão para o fogo no braseiro, e franziu ligeiramente o sobrolho. Entrou, e a cortina caiu fechada atrás dele, encerrando no exterior o silvo da chuva.

— Pensa no quanto Virico quer... *precisa*... de alianças como esta — disse ele.

— Decerto que me poderia ter dado ao teu irmão e ainda assim teria esta aliança com os trinovantes.

— É verdade. — Aeddan encolheu os ombros ao mesmo tempo que avançava pela sala. — Na verdade, acho que esse foi o primeiro

pensamento de Virico. Mas felizmente, convenci o meu tio a aconselhá-lo de outra maneira.

O chão de terra batida da pequena casinha redonda parecia estar a desaparecer debaixo dos meus pés. Eu estava tão furiosa que nem sequer conseguia encontrar palavras para lançar a Aeddan. A minha raiva deixara-me aturdida.

— Virico sabe como tu e Maelgwyn sempre foram próximos — continuou Aeddan. Ele avançou através da sala até um sofá baixo e sentou-se, pousando as taças de vinho numa pequena mesa. — Tão próximos quanto irmão e irmã... — A sombra de um sorriso curvou-lhe os lábios. — O teu pai, depois de bastante convencimento, é verdade, acabou por percebê-lo. Acabou por ver que não seria justo entregar-te para um casamento que não era mais do que afeto fraternal sem qualquer amor verdadeiro.

*Mas eu amo Mael.*

E tivera oportunidade de lho dizer — de ficar com ele — no vale, naquela manhã. Eu amava Maelgwyn Ironhand e Aeddan sabia-o. Ele sempre o soubera, mesmo antes de mim. Vi-o nos seus olhos cinzentos, e vi que ele odiava o irmão por causa disso. Por causa de mim.

— Considera-te com sorte por o teu pai se preocupar com o teu coração, Fallon — disse Aeddan, puxando a rolha da garrafa de vinho. — Tal como eu. Devias ficar satisfeita.

— Perdoa-me se não me regozijo — cuspi.

Aeddan levantou-se e a ânfora escapou-lhe dos dedos e caiu ao chão. O vinho jorrou do recipiente partido como sangue de uma ferida.

— Houve sempre alguma coisa entre nós, Fallon — disse ele num tom de urgência. — Não houve? Se eu não tivesse partido... Se tivesse sido o Maelgwyn e não eu a ser forçado a fugir para Roma...

Em dois passos atravessara a sala, agarrando-me com força pelos ombros. Um rubor subira pelas feições afiadas de Aeddan e uma veia pulsava-lhe na lateral do pescoço.

— Nunca te esqueci — disse ele. — Sempre soube que um dia voltaria por ti. Posso levar-te para muitos lugares, Fallon. *Irei* levar-te para muitos lugares. Já está tudo em andamento. E serás feliz... prometo-te! Roma é um lugar maravilhoso. Constroem palácios de pedras brilhantes, e o ar é como perfume. Mas há mais, Fallon. Eles são ferozes. Têm combatentes, guerreiros como nunca conheceste.

— Como as legiões romanas a quem o teu pai vendeu o nosso povo? — ripostei.

Aeddan quase não reagiu ao meu ultraje.

— Mostrar-te-ei coisas que nunca imaginaste, Fallon. Nem mesmo nos teus sonhos. E ficaremos por fim juntos.

Fitei-o incrédula. E nunca — nem uma vez na minha vida — pensara em Aeddan daquela maneira. A simples ideia de que ele tivesse tecido algum tipo de fantasia na sua mente e que me tivesse envolvido nela escapava-me. Ele inclinou-se para me beijar de novo, mas desta vez o instinto apoderou-se de mim ao mesmo tempo que os dedos de Aeddan se enterravam na minha carne. Recuei para uma posição defensiva, os joelhos dobrados e a cabeça baixa. Voltei a levar a mão à minha faca — que, claro, não estava lá — e, em vez disso, cerrei os dentes e apliquei uma joelhada na sua virilha, afastando-o de mim ao mesmo tempo que ele arquejava de dor e cambaleava para trás.

Por detrás de uma madeixa escura, os olhos de Aeddan cintilaram perigosamente na escuridão. Os seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo.

— Isso não foi simpático, esposa. — A respiração era áspera na sua garganta. — Uma mulher romana deveria saber melhor como se controlar. Mas terei tempo suficiente para te ensinar...

— *Aeddan*. — A voz de Mael cortou o ar como uma faca.

— Olá, irmão. — Aeddan endireitou-se e virou-se lentamente. — Vieste partilhar a minha alegria de futuro noivo?

Duas espadas brilharam na escuridão e Aeddan viu-se subitamente preso pelas lâminas gêmeas de Mael cruzadas em frente à sua garganta. Mordiam-lhe a pele logo acima do torque guerreiro. Mael pressionou de novo o irmão em direção à porta, implacavelmente.

— Sai — disse ele. — Antes que eu manche as minhas espadas com o teu sangue miserável.

— E eu que pensava que ias ficar feliz por mim, irmãozinho. — Aeddan ergueu o queixo e fitou Mael por cima das lâminas, mas ainda assim recuou um passo. — Por ela, pelo menos. Trago a Fallon a possibilidade de escapar. Levá-la-ei para um local onde ela viverá como a rainha guerreira que deveria ser. Tu? Tu ias acabar por matá-la numa escaramuça tribal.

— Eu disse para *saíres!* — rugiu Mael, afastando as lâminas para atacar.

Mas Aeddan já partira, deslizando para o exterior e desaparecendo na chuva negra. Mael deixou-se ali ficar durante muito tempo, as suas costas viradas para mim, os ombros subindo e descendo. Depois embainhou as espadas e virou-se, a angústia contorcendo-lhe o rosto.

— Onde *estiveste* esta noite? — perguntei.

— Aeddan — cuspiu. — Os seus chefes impediram-me de chegar até ti.

Os seus olhos cinzentos estavam cheios de raiva e de dor. Tinha sangue no canto da boca e sombra de um novo hematoma florescia no seu maxilar. Lembrei-me da escaramuça perto dos recipientes de cerveja, no salão.

— Sabias que isto ia acontecer? — perguntou ele. — Foi por isso que me recusaste esta manhã? Para ficar com Aeddan?

— O quê? — fitei-o, incrédula. — Como é que podes ter pensado tal coisa? Fui sincera no que disse, Mael. Só tu tens o meu coração.

A raiva de Mael desapareceu quase de imediato, mas a dor permanecia, profunda e escura, nos seus olhos.

— Fallon, desculpa. Eu apenas... — Ele engoliu em seco. — Tu és tudo o que tem estado no *meu* coração desde o dia em que nos conhecemos. Quando adormeço, vejo o teu rosto. Quando acordo, anseio por vê-lo. És tão destemida e bela e tão mortífera para mim como a tua espada. E, por isso, prometi esperar, mas depois...

— Depois o quê?

— Depois Aeddan estava lá. — A sua boca contorceu-se de desagrado. — E estava a beijar-te.

— Eu não o estava a beijar a ele.

— Eu sei! — Ele afastou furiosamente o cabelo molhado do rosto. — Agora sei-o. Irei ter com ele. Com Virico. Dir-lhe-ei que já tínhamos reclamado os corações um do outro.

— Não podes. É demasiado tarde.

Eu conhecia o meu pai. Se Mael tivesse conseguido abrir caminho até mim no salão... Se se tivesse erguido perante Aeddan e o tivesse desafiado logo ali, Virico poderia reconsiderar uma tal reivindicação. Mas agora era como se tivesse passado toda uma vida. O meu pai não recuaria numa promessa — uma promessa feita em frente a todas as

quatro tribos — e não mudaria de ideias. Não permitiria que os seus chefes lhe chamassem fraco. Ou covarde. Já tinha sofrido o suficiente disso nos dias depois de os romanos o terem devolvido do cativeiro. Como, tinham perguntado os seus homens livres, tinha o rei optado por não tirar a própria vida, escolhendo sofrer a vergonha do cativeiro romano? Como teria ele regressado vivo a Durovernum quando a sua própria filha morrera em combate?

Virico Lugotorix tinha demorado anos a recuperar o respeito dos chefes.

Não o arriscaria agora. Não por causa de mim.

— E agora jamais serei uma guerreira — disse eu lentamente, sentindo o peso de cada palavra.

Mael dirigiu-me um olhar cortante.

— Não. — Ergui uma mão de aviso. — Se o meu pai me tivesse dado a escolher, se ele sequer se tivesse dado ao trabalho de me dar uma escolha, fica sabendo: eu teria abdicado das minhas espadas por ti, Maelgwyn Ironhand. Por *ti*. Não pelo teu irmão.

— Bem, é demasiado tarde para isso, não é? — a amargura regressara à sua voz. — Se tivéssemos ido falar com o teu pai esta manhã, nada disto teria acontecido.

— Como poderia eu ter sabido, Mael? — quase gritei. — Fui eu quem ficou sem nada e *tu* estás com ciúmes do aço frio!

Uma onda de infelicidade varreu-nos a ambos, e deixámo-nos ali ficar, fitando-nos com um arrependimento e um desejo inúteis. Como é que tudo tinha corrido tão mal tão depressa? Esta devia ter sido uma noite de celebração. Mas o meu momento de glória estilhaçara-se e caíra aos meus pés.

— Partiremos — disse eu. — Partiremos esta noite e viajaremos para oeste. Há tribos que teriam todo o gosto em receber-nos, e poderemos ficar juntos.

— Não. — Mael cerrou os punhos, os nós dos dedos brancos, ao lado do corpo. — Não vou fugir como um covarde. Esta é a minha casa, a tua tribo, e Aeddán não tem o direito de nos privar disso. — Ele saiu porta fora, afastando a cortina de cabedal e deixando entrar um forro de chuva negra.

— Mael! — corri atrás dele, agarrando-o pelo braço. — Para onde vais?

— À procura dele. *Ele* vai corrigir isto. — Mael agitou o braço, libertando-se da minha mão. Puxou as espadas mais para cima e pôs o capuz do manto por cima da cabeça. — E se não o fizer, matá-lo-ei.

— Eu própria o mataria se tivesse resolvido alguma coisa! Mael! — chamei. — *Mael!*

Mas ele já tinha partido, desaparecera como uma sombra na noite tempestuosa. O que ele deixou para trás foi um espaço vazio no meu peito, que se começava a preencher com uma raiva quente e pesada. Eu seria mestre do meu próprio destino. Eu e a deusa Morrigan. Mais ninguém — e decerto não um homem. Mael e Aeddan podiam combater por causa de mim até estarem ambos ensanguentados. O meu pai podia negar-me a minha espada. Mas não me podiam forçar a abandonar o caminho da guerreira a menos que eu os deixasse. Sorcha jamais permitiria que alguém escolhesse por si o seu destino.

— Então vai — disse eu, a minha voz sonora no vazio da divisão. — Não estarei aqui quando regressares.